

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA –
IFF CAMPUS CAMPOS-CENTRO
PÓS-GRADUAÇÃO LATU SENSU EM LITERATURA, MEMÓRIA
CULTURAL E SOCIEDADE**

Identidade e Memória em *Sertão, Sertões* de Sérgio Rezende

Ana Paula Almeida Moreira

Artigo apresentado como requisito à obtenção do título de
especialista em Literatura, Memória Cultural e Sociedade.

Orientador: Prof. Ms. Adriano Carlos Moura

Banca: Prof. Ms. Fábio Rodrigo Penna
Prof^ª. Ma. Talita Vieira Barros

Campos dos Goytacazes, 08 de dezembro de 2017.

Identidade e Memória em *Sertão, Sertões* de Sérgio Rezende

Ana Paula Almeida Moreira¹

RESUMO

A partir dos estudos de Stuart Hall e Nestor Garcia Canclini, este artigo tem por objetivo refletir sobre a construção identitária de sertanejos migrantes no documentário *Sertão, Sertões* de Sérgio Rezende, tendo em vista a “crise da identidade” dos entrevistados, abordando os aspectos conceituais e contextuais da concepção da identidade. A motivação da realização do estudo partiu da multiplicidade de enfoques que permeia a questão das identidades contemporâneas. Para isso, algumas laudas são dedicadas à análise da memória, do processo migratório e do sertão como “comunidade imaginada”. A metodologia utilizada neste trabalho é a pesquisa bibliográfica, tendo em vista análises teóricas das obras referidas. Ao fim, conclui-se que as identidades têm um caráter híbrido, que é representado pela forma como os sujeitos se narram e se mostram para os outros grupos.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade Cultural. Migração. Documentário. Sertão.

ABSTRACT

From the studies of Stuart Hall and Nestor Garcia Canclini, this article aims to reflect on the identity construction of migrant sertanejos in the documentary *Sertão, Sertões* of Sérgio Rezende, in view of the "identity crisis" of the interviewees, addressing the conceptual and contextual aspects of the conception of identity. The motivation of the study was based on the multiplicity of approaches that permeates the question of contemporary identities. For this, some pages are dedicated to the analysis of memory, the migratory process and the sertão as "imagined community". The methodology used in this work is the bibliographical research, in view of theoretical analyzes of the mentioned works. Finally, we conclude that identities have a hybrid character, which is represented by the way the subjects narrate themselves and show themselves to the other groups.

KEYWORDS: Cultural Identity. Migration. Documentary. Sertão.

¹ Autora do artigo e pós-graduanda em “Literatura, Memória cultural e Sociedade” pelo IFF campus Campos Centro, Campos dos Goytacazes-RJ.

INTRODUÇÃO

A investigação que este trabalho realizou teve como ponto de partida uma análise acerca do chamado processo de “fragmentação identitária” e “descentramento do sujeito”, denominado por alguns autores de crise identitária. Este estudo se justifica ao considerarmos a multiplicidade de enfoques que permeia a questão das identidades contemporâneas. Para refletir sobre a identidade cultural, buscou-se fazer um estudo das contribuições de Stuart Hall e Nestor Garcia Canclini sobre o tema. Para Hall, a identidade é concebida a partir de sistemas culturais. Ou seja, conceitua-se como “sentimento de pertencimento de realidades” e “conjunto de significados compartilhados”, já que se tornou amplamente estudada e problema de relevância sociopolítica da pós-modernidade. Hall fornece uma concepção de identidade cultural baseada no parâmetro da fragmentação e da crise das identidades modernas. Nestor Garcia Canclini parte da explicação da identidade sociocultural latino-americana ser concebida a partir do conceito híbrido. O hibridismo a que se refere Canclini na América Latina estaria ancorado na ideia de um processo sociocultural em que formas culturais separadas combinam-se para compor novas formas.

Para Hall (1996, p. 70), “as identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história”. Desse modo, pelo fato de sentir-se pertencente a uma cultura específica, um indivíduo ou grupo pode atribuir a si particularidades, as quais são marcadas pela diferença que pode ser mais importante que outras, de acordo com casos e/ou grupos particulares.

Néstor García Canclini (2015) pontua que a identidade latina sempre foi uma construção híbrida, uma confluência das culturas europeias, indígenas e africanas. Hall e Canclini consideram que a identidade está relacionada à “diáspora”, uma vez que ambas têm sua crise entre a identidade nacional e estão inter-relacionadas com os processos migratórios. De acordo com Marc Augé (2012), os indivíduos encontram-se em “não lugares”, que consistem em ambientes não dotados, necessariamente, de contato identitário ou vínculos emotivos.

Nesse processo, o exílio se torna uma fratura incurável entre um ser humano e seu lugar natal, cujo *pathos*, como afirma Said (2003, p. 52), “está na perda de contato com a solidez e com a satisfação da terra, ocasionando uma permanência dolorosa no lugar de ‘não pertencimento’ sendo caracterizado pelo abandono das raízes”.

O problema de pesquisa que norteou esse estudo remete à identidade cultural, indagando se é possível pensar, a partir do documentário, o sertão e a cultura do sertanejo migrante, assim como a fragmentação e hibridização da identidade como consequência do processo de migração.

Para Hall, há três possíveis consequências da integração global sobre as identidades: as identidades nacionais estão se desintegrando; algumas identidades nacionais e locais estão se reforçando como resistência à globalização; as identidades nacionais estão em declínio, ocasionando identidades fragmentadas. Portanto, entende-se a identidade como algo não fixo, sempre em (re)construção e sob diversas perspectivas: a partir de Hall é possível perceber a identidade como diáspora, que passa a capacidade cultural de se imaginar e criar sua própria identidade no sentido analisado por Benedict Anderson (2008), e (re)afirmar-se enquanto comunidade sem território.

O objetivo geral desse estudo foi refletir sobre a construção identitária de sertanejos migrantes, tendo em vista a “crise da identidade” dos entrevistados do documentário *Sertão, Sertões* de Sergio Rezende, abordando os aspectos conceituais e contextuais da concepção da identidade, e os objetivos específicos foram: compreender o cinema documentário e a memória do homem do sertão; analisar a identidade e a diáspora do sertão contemporâneo no documentário de Sergio Rezende e refletir em torno das representações do sertão como uma “comunidade imaginada”.

Com o objetivo de fomentar uma reflexão sobre o sertão no Brasil contemporâneo, o cineasta Sérgio Rezende inspirado em dois clássicos da literatura: *Grande Sertão Veredas* de Guimarães Rosa e *Os Sertões* de Euclides da Cunha, produziu um documentário que reflete “sobre a categoria mítica” do sertão. Um filme baseado na contraposição da praia *versus* sertão, “do deslocamento das populações rurais para os grandes centros urbanos”, que “parecem confirmar a profecia famosa de Antonio Conselheiro: ‘O sertão vai virar praia, a praia vai virar sertão’”. Dentro desta perspectiva, o documentário traz à baila o processo migratório do sertanejo e o “esvaziamento do sertão”. O filme documentário foi produzido em um período de dois anos, percorrendo várias regiões do Brasil.

O documentário *Sertão, Sertões* confere um sentido de *performance* à narrativa, um questionamento no modo de existência do sertanejo, que é marcado pela expressão de uma voz intimamente associada a uma atuação do sujeito na realidade. São narrativas moldadas pela força das inter-relações sociais que comportam no seu interior elementos de resistência contra a violência aniquiladora da cultura do outro.

Com isso, temos a criação de estereótipos que fixam uma ideia negativa a respeito do sertanejo, do que não está classificado dentro dos padrões sociais requeridos. É necessário pensar em um diálogo entre as culturas, simbolizando a passagem, o deslocamento dos discursos para a construção de um enunciado novo, isto é, de uma cultura híbrida, que represente a existência de outras culturas.

Para responder ao problema de pesquisa, utilizou-se, como procedimento metodológico, a revisão bibliográfica. Realizou-se uma análise das falas dos entrevistados, buscando interpretá-las a partir da fundamentação teórica que discute o problema da identidade na sociedade pós-moderna. O trabalho amparou-se também nos estudos de Bill Nichols sobre cinema documentário, a fim de que a análise considere também aspectos específicos do gênero documentário.

1-O CINEMA DOCUMENTÁRIO E A MEMÓRIA DO HOMEM DO SERTÃO

Uma das características básicas do gênero documentário é que ele consiste numa representação parcial e subjetiva da realidade. Para o crítico de cinema americano Bill Nichols, “se o documentário fosse uma reprodução da realidade, esses problemas seriam bem menos graves. Teríamos simplesmente a réplica ou cópia de algo já existente”. Mas além de documentar o “outro”, o documentário “representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos nos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares” (NICHOLS, 2005, p. 48).

Para o teórico, existem dois tipos de documentários: documentários de satisfação de desejos, e de representação social. O documentário *Sertão, Sertões* apresenta-se como representação social, pois a ideia de representação do sertanejo seja na esfera rural ou urbana é essencial para o filme. Segundo Nichols,

Aqueles que, [...] tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizada pelo cineasta”. Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos (NICHOLS, 2005, p. 26-7).

Nesse documentário, a narrativa fílmica e a história entrelaçam-se, memória individual e coletiva se confundem.

1.1-O sujeito no documentário

O documentário *Sertão, Sertões* dirigido por Sérgio Rezende, é uma alusão ao sertão, sobre o qual Euclides da Cunha e Guimarães Rosa escreveram. O homem do sertão é o protagonista de diferentes discursos, é ele - pessoa/personagem - que encarna a ação, ocupa o espaço e faz a sua autobiografia. Afinal, quando o homem se apropria do signo da palavra, ordena melhor sua mente e seus sentimentos e, conseqüentemente, pode organizar melhor a visão de mundo.

Desde o início do documentário, um dos entrevistados sustenta, nas primeiras considerações, o gênero autobiográfico. “Meu pai quando chegou aqui, trouxe um casal de filho”. Autobiografia é um gênero textual em que a própria pessoa narra a sua história de vida. Ela constitui uma forma de dar sentido à própria existência, à experiência, à compreensão da realidade, a fim de organizar o pensamento e as ideias. Ao analisar a obra do romancista Dostoiévski, Michail Bakhtin define a autobiografia como “(descrição de uma vida) uma forma transgrediente² imediata em que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e minha vida” (BAKHTIN, 2010, p. 139). Essa definição corrobora o fato de o gênero relatar a experiência de vida do seu autor e estabelecer uma comunicação com a pessoa a quem se dirige o relato.

Outro aspecto do documentário é a relevância do “sujeito da experiência”, porque é no discurso que o sujeito do documentário envolve o saber, a identidade e a compreensão de si na interlocução com outras pessoas. A teoria do discurso proposta por Norman Fairclough toma partido das práticas sociais reais e dos textos concretamente produzidos. A análise de discurso, nesse sentido, não se faz independentemente da análise textual. Fairclough (2001) apresenta dentro de sua proposta teórica três dimensões que se interconectam: prática linguística, prática discursiva e prática social. Ele denomina o discurso como sendo simultaneamente: um texto linguístico, oral ou escrito. Por isso, sua aparição deve ser contextualizada como um acontecimento, pois funda a interpretação e constrói uma verdade.

Desse modo, o discurso é uma prática, uma ação do sujeito sobre o mundo, no qual o sujeito fragmentado vê deslocado de seu lugar no ambiente sociocultural, apresentando várias possibilidades de constituir identidades. Dentro desse contexto, o documentário representa a compreensão do homem sertanejo e do sertão, ampliando o modo de entender a cultura

² Transgrediente significa "fora do que está sendo pensado". Para Bakhtin, ao relatar sobre a própria vida, o escritor precisa se posicionar axiologicamente frente à própria vida, submetendo-a a uma valoração que transcenda os limites do somente vivido.

brasileira. Os sujeitos do documentário, além de olharem para o passado, para recuperar lembranças, evocam o presente de sua narrativa. São eles que constroem suas visões e representações das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcaram sua própria história.

No documentário, os sujeitos passam a ter voz e a expressar suas percepções. Em 1971, Philippe Lejeune publicou *O pacto autobiográfico*. O livro reúne ensaios de reflexões sobre o gênero da autobiografia. Ele afirmava que “a autobiografia é um gênero em prosa que fala sobre a história de um indivíduo (o próprio autor), a partir de um relato retrospectivo, tentando recuperar sua trajetória”. Segundo o teórico, “quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade (LEJEUNE, 2008, p. 14). Lejeune distingue dois preceitos para a definição do gênero: a pessoa gramatical e a identidade dos indivíduos a qual remetem à pessoa do discurso. O teórico recorre aos estudos de Benveniste, “o “eu” remete ao ato elocutório, ou seja, a enunciação”. De acordo com Benveniste, “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como ‘sujeito’; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (BENVENISTE, 1995, p. 286). Aos olhos de Benveniste, a enunciação é: “a colocação da língua em funcionamento por um ato individual de utilização” (FLORES et al 2009, p. 102). Esmiuçando o conceito, temos que:

A noção de enunciação, entendida como uso da língua, pressupõe um quadro enunciativo, que se configura por sujeitos – o par eu-tu –, ou seja, a noção de pessoa – e situação – o espaço e o tempo. Essa noção, descrita como ato de tomada da palavra, constitui-se em um processo de inserção dos sujeitos na língua, o qual envolve apropriação e atualização (ibid, 2009 p.102).

O homem apropria-se da língua para se fazer sujeito e a escrita é uma das formas de produzir enunciados. A linguagem configura-se como de caráter dialógico, toda palavra que o falante pronuncia destina-se a atingir, ordenar, ironizar, apelar, convencer, dentre outros objetivos. Sobre isso, Bakhtin postula:

Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão *a um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros (BAKHTIN, 2006, p. 115, grifo do autor).

É por meio dessa palavra que o homem revela sua cultura e experiências e essa palavra deve ser assumida por cada indivíduo para manter os valores recebidos ou como forma de intervenção no mundo. Os sujeitos do documentário relatam as suas experiências remetendo ao registro da memória sobre o cotidiano da vida social, ao coletivo de um grupo e aos significados que os sujeitos atribuem aos acontecimentos.

Todavia, para a ensaísta argentina Beatriz Sarlo, em seu livro *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*, “o passado é sempre conflituoso” (SARLO, 2007, p. 9), uma vez que “O retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente” (ibid, p. 9).

Portanto, o discurso testemunhal não deve ser tomado como uma verdade inquestionável, mas como “um ponto de vista sobre o real”. Embora o gênero documentário esteja diretamente associado ao real, à objetividade, à possibilidade de “mostrar ou revelar” a verdade de determinado objeto, a interferência da subjetividade discursiva no documentário põe em dúvida as fronteiras entre o real e o ficcional.

1.2-Memórias e representações do homem do sertão

Produzido em 2013, o documentário rememora a vida de seus personagens, homens do sertão, de diversos lugares do Brasil, como se captasse o próprio percurso da memória se atualizando. A história de caráter memorialista é narrada quase sempre em um ato de fazer reviver, através da palavra, aquilo que foi vivenciado pela pessoa entrevistada. No documentário, a câmera e o microfone assinalam, portanto, uma renovação do passado que se dá pela memória em ato de enunciação. No filme, os personagens recrutados pelo diretor, recontam sua memória e a memória do lugar. Essas memórias são contadas no documentário quase sem a presença dos diretores dentro da cena. Apenas em alguns momentos, o diretor interfere para provocar o desenvolvimento da conversa; fazendo com que o processo de armazenamentos das lembranças seja recuperado, pois a memória não é constituída só de lembranças, mas também de esquecimentos.

A memória é lacunar, podendo deixar escapar à lembrança do indivíduo episódios importantes de sua vida. O ser humano sente necessidade de remeter-se ao passado a fim de lembrar seus feitos. Sobre isso, Ecléa Bosi reproduz a fala de um velho cardíaco: “Lembrar faz bem ao meu coração”. No entanto, é necessário que se reconheça o passado a partir do

presente, como sendo um instrumento necessário da moderna consciência histórica e, portanto, da liberdade de hoje.

Em relação ao conceito da memória, Paulo de Salles Oliveira definindo a memória a partir de Bergson, assegura que

A memória é o esforço por fazer vir à superfície o que estava imerso e oculto, movimento este que restringe o campo de indeterminação e a dúvida do sujeito, levando-o a retomar práticas consagradas, que anteriormente tinham sido bem-sucedidas (OLIVEIRA, 2013, p. 92).

Nessa ótica, o documentário vai ao encontro da teoria de Bérqson, pois alguns personagens criam íntima relação entre os valores transmitidos e a memória, tornando possíveis determinados tipos de associações, dando amparo ao indivíduo para que ele saiba como agir. Isso revela que a memória nasce da combinação entre subjetividade e exterioridade, e espírito e matéria.

As lembranças dos sertanejos no filme são detalhadas, a narrativa é preenchida por reinterpretções contínuas, que tentam pormenorizar todos os fatos, gestos, deslizes, recordações, saudosismo dos personagens. Ao longo do documentário nos deparamos com uma série de rememorações, sobretudo para guardar e reavivar tempos da memória do lugar.

Devido aos impactos gerados pelo empreendimento da usina hidrelétrica no município de Mutum-Paraná, RO, segundo um site³ de notícias do estado de Rondônia, “cerca de 214 famílias no núcleo urbano de Mutum-Paraná deverão ser deslocadas após a construção da usina hidrelétrica de Jirau”. Sobre essas recordações do lugar, um dos entrevistados morador do município de Mutum afirma: “Ali tudo era casa. Todo mundo tinha um assunto no correr do dia todo”. Logo em seguida, explica: “É uma destruição total. Daqui a 15 dias já tô saindo, porque não tem como ficar mais aqui”. O que já havia sido dito, ele explica, “Tudo que você procurasse aqui tinha”. Em seu depoimento, o garimpeiro, José da Silva, apresenta o lugar como uma comunidade unida onde se tinha tudo, a relação com o lugar ativa lembranças do local. A reprodução da fala do sertanejo busca representar uma experiência de sobrevivência em um contexto de transformação social. Para Bosi (1994, p. 55), quando nos remete o olhar às lembranças dos velhos como fonte de memória mais contextualizada e definida, declara que: “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”.

Nessa discussão sobre transformações sociais, o município de Mutum-Paraná foi uma vila ribeirinha que cresceu com a chegada dos garimpeiros e com a construção da BR 364. A

³ <tudorondonia.com/noticias/moradores-de-mutum-parana-terao-de-se-mudar-caso-usinas-em-rondonia-sejam-construidas-,2523.shtml>. Acesso em 16 de setembro de 2017.

tristeza do garimpeiro refere-se a uma migração seletiva por conta da construção da Usina Hidrelétrica (UHE) de Jirau, no rio Madeira, Estado de Rondônia, que vem causando fortes impactos socioambientais para as populações ribeirinhas. Parecia que a profecia do líder espiritual de Canudos estava se cumprindo - "o sertão vai virar mar".

No início do documentário, o mestre de capoeira, Juarez Ferreira alude à influência do pai na sua infância, o pai é apresentado como severo, rígido. O mestre de capoeira relata suas lembranças sobre a figura paterna: “não nos deixava brincar, num deixava soltar pipa”. Uma das características do gênero memorialístico é evocar o resgate do vivido com vistas a salvar o passado de seu esquecimento, circunscrevendo a história do sujeito e o sentido extraído dessa experiência pretérita.

Segundo Halbwachs (2004), há duas formas de memória: a individual e a coletiva. Para ele, mesmo que aparentemente particular, a memória remete a um grupo; o indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo na sociedade, já que, na memória individual, as vivências e experiências guardadas por um indivíduo contêm aspectos da memória do grupo social onde ele se formou. Segundo Ecléa Bosi, “a memória coletiva abrange a individual, dela tira sua substância singular e a estereotipa num caminho sem volta”. De acordo com Halbwachs,

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2004, p. 39).

A convivência em um grupo pelos sertanejos, o que ele ouviu e (re)conta do povo do sertão sobre seu passado são relatos, que falam de suas pelejas, de suas lutas renhidas, dificuldades e sacrifícios, atuando como base para formação de uma memória individual e que, portanto, carregará “marcas” da memória coletiva do grupo social no qual está inserido.

2-IDENTIDADES E DIÁSPORAS: O SERTÃO CONTEMPORÂNEO DE SÉRGIO REZENDE

Em sua relevância sociopolítica, a questão da identidade na pós-modernidade está sendo amplamente discutida e estudada, pois, segundo Stuart Hall (2015, p. 9), “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo

surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. Isso se deve às condições atuais da sociedade. Segundo o teórico, uma das justificativas baseia-se no duplo entendimento da palavra identidade. Para ele, “o próprio conceito com o qual estamos lidando, ‘identidade’, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova” (HALL,2015, p. 9),.

A noção de identidade na pós-modernidade é constituída em um processo. Assim, no campo de discussão pós-moderna⁴, existe um processo de descentramento da noção de identidade. Para Hall (2015, p. 9), “é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas”.

Sobre “a crise de identidade”, afirma o filósofo: “[...] parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL,2015,p.7). Esses processos de mudança, em conjunto, representam uma transformação que abrange a modernidade. Ela passa a ser compreendida como uma forma elevadamente reflexiva de vida, na qual as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim seu caráter.

Nesta perspectiva, “as identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história” (HALL, 1996, p. 70). Em *Quem precisa de identidade? (1996)*, o autor aborda questões inerentes ao motivo pelo qual os seres humanos se submetem à identidade, mesmo com o prejuízo de suas vontades. Ele utiliza os estudos de Freud e Lacan, a fim de tentar explicar a questão por meio da psicanálise. Segundo o teórico, “toda a identidade tem necessidade sempre daquilo que lhe ‘falta’ – mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado”(HALL,1996 ,p. 110). Dessa maneira, a identidade cultural são as singularidades que um sujeito ou grupo confere a si pelo fato de sentir-se pertencente a uma cultura específica, estabelecendo, assim, um intercâmbio cultural entre os sujeitos, no qual a sociedade está inserida.

Hall destaca um ponto central na questão das identidades culturais e a emergência do que se entende por identificação:

⁴ Existe uma discussão quanto à nomenclatura, entretanto é pertinente registrar que estão entrelaçadas as concepções variadas sobre mudanças que tangem o momento presente, podendo variar de autor para autor.

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de *diferença* (HALL, 2015, p. 16, grifo do autor).

A esse respeito, o teórico apresenta o contraponto entre semelhanças e diferenças, pertencimento e não pertencimento que sustentam os diferentes códigos da identidade na modernidade. A sociedade do século XX, a qual Hall chama de sociedade moderna, está transformando a mudança estrutural, “um desalojamento do sistema social – a extração das relações sociais dos contextos locais de interação e sua reestruturação ao longo de escalas indefinidas de espaço-tempo” (HALL, 2015, p. 15-6).

Dos estudos de Nestor Garcia Canclini, depreende-se a ideia de que a identidade “é vista como uma manifestação muito mais flexível, uma vez que tem sido mais difícil a tarefa de se situar num ambiente mediado e formado por uma constante hibridização cultural” (CANCLINI, 2015, p. 19), diferentemente do que Hall destaca sobre a fragmentação e da crise das identidades, o argentino Canclini apresenta uma discussão sobre o viés da identidade cultural centrada, principalmente, no paradigma da hibridização. O conceito de “híbrido” em Canclini transforma-se em uma concepção de explicação da identidade sociocultural latino-americana.

Canclini (2015) define a expressão “culturas híbridas” ou “hibridação” por uma sociedade onde há uma quebra de barreiras entre o tradicional e o moderno, entre o culto e o popular, ou seja, na mistura das diferenças culturais no mundo contemporâneo entre os novos elementos culturais que são criados. Para o teórico, “A hibridação sociocultural não é uma simples mescla de estruturas ou práticas sociais discretas, puras, que existiam em forma separada, e ao combinar-se, geraram novas estruturas e novas práticas” (CANCLINI, 1997, p. 113). Parafrazeando Canclini (2015), o hibridismo ancora-se no processo sociocultural em que formas culturais separadas combinam-se para compor novas formas. Entretanto, essa aglutinação não estaria isenta de conflitos, especialmente quando se pensa nas mesclas existentes entre o popular e o culto ou entre popular e massivo.

Já Stuart Hall (2015) parte da ideia do hibridismo como um processo marcado por ambivalência e antagonismos resultantes da negociação cultural. Negociações essas que tem como pano de fundo, relações assimétricas de poder e os atores envolvidos encontram-se em posições de legitimidade distintas.

2.1 Novas identidades

No que concerne à identidade, Stuart Hall apresenta três concepções que se relacionam às visões de sujeito ao longo da história: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

A primeira concepção refere-se ao sujeito do Iluminismo, que “estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior”. Assim, de acordo com Hall, “o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa”. Para cada sujeito há uma identidade única e racional.

A segunda concepção baseia-se “na noção de sujeito sociológico”, que entende o sujeito não como autônomo e autossuficiente, mas formado na relação com "outras pessoas importantes para ele"(Idem, p. 11), mediando os valores, sentidos e símbolos. Dessa maneira, nas palavras de Hall, essa concepção considera que “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” (Idem, p. 11).

Por último, ele apresenta a concepção de identidade do sujeito pós-moderno, “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado” (Idem, p. 11). Destarte, no âmbito de discussão pós-moderna, existe um processo de descentramento da noção de identidade.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideias que temos de nós próprios como sujeitos integrados (Idem, p. 9).

Desse modo, a identidade do sujeito sociológico passa a estabelecer-se na relação desse sujeito com o contexto. Agora a identidade passa a ser considerada cambiante, “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Idem, p. 13).

Joel Candau em *Memória e Identidade* (2016 , p. 60-61).) escreve que “sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece”. Candau faz alusão a um episódio ocorrido com o filósofo e escritor suíço Jean-Jacques Rousseau: ao sofrer uma queda, Rousseau desmaia e, ao retomar a consciência, o filósofo não se lembra de quem é. Candau (2016, p. 59-60) então

sugere que a perda da memória provoca a perda da identidade. Para o teórico, existe uma relação direta entre memória e identidade. Uma nutre a outra produzindo uma trajetória e uma narrativa de vida.

A relação entre vivido e o narrado se entrecruzam na teia do documentário. Os entrevistados têm as suas identidades formadas por múltiplas vozes, por isso são psicologicamente complexas, sendo assim, as diferentes memórias se organizam e constituem as identidades, seja ela no lugar de origem ou não.

Ao narrar-se, o sujeito mobiliza seu arsenal de experiências; põe em ação tudo o que o constitui para construir uma narrativa de si e consolidar um novo “Eu”. Essa narração reorganiza as experiências e os significados, fazendo surgir um “Eu” ancorado nessa nova ordem.

O teórico Nestor Canclini (2015, p 348) defende que a “globalização permite uma troca de experiências culturais e assim as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento”.

Canclini (2015, p. 285) sugere que a expansão urbana é uma das causas que intensificam a hibridação cultural, à medida que as comunidades rurais com culturas tradicionais e locais se transformam a partir do momento em que há contato com outras formas de comunicação, interação e outras culturas.

No que tange o documentário, há várias passagens do discurso dos entrevistados em que se percebe o imaginário sendo representado, um hibridismo cultural em relação às origens das histórias. Para Marcuschi (2006, p. 29), “a hibridização é a confluência de dois gêneros e este é o fato mais corriqueiro no dia-a-dia em que passamos de um gênero a outro, ou até mesmo inserimos um no outro, seja na fala ou na escrita.” Bakhtin (1988, p. 156) sustenta que “[...] no fundo, a linguagem e as línguas se transformam historicamente por meio da hibridização, da mistura das diversas linguagens que coexistem no interior de um mesmo dialeto.” O hibridismo ocorre tanto dentro como fora das mais variadas comunidades discursivas, pois serve como medidor da evolução, e é a mescla de linguagens sociais no núcleo de um único enunciado.

Um dos vários exemplos desse hibridismo presente no documentário ocorre quando o umbandista Salvador de Souza aproveita o sincretismo⁵ como tema da narrativa. Ele, ao citar explorar esse hibridismo de maneira estética, no sentido de alterar a própria estrutura da

⁵ De acordo com BERND (1995): O sincretismo configura-se, pois, como uma das principais figurações do híbrido, constituindo se em um dos fatores mais marcantes na trajetória da formação cultural da América Latina, correspondendo à fusão de elementos culturais distintos e até mesmo antagônicos, engendrando elementos novos.

narrativa, explicita “que aconteça o que acontecer, eu sou fiel à minha religião”. Ainda segundo o umbandista, todos aqueles que se achegam a sua casa são bem-vindos. Segundo Nelson H. Vieira (2003,) em seu texto *Hibridismo e alteridade: estratégias para repensar a História Literária*, o mais importante no híbrido “não é a mistura, mas a colisão de diferentes pontos de vista” (VIEIRA, 2003, p. 103). No discurso do Sebastião de Souza, “quem cura você é a sua fé”. Dessa maneira, ele apresenta uma base para que grupos distintos construam um entendimento mútuo.

Um dos fenômenos mais característicos das sociedades pós-modernas é a ausência ou perda da memória, seja ela na sua individualidade ou coletividade. Com o gradativo processo de globalização, os vínculos de identidade entre os diferentes grupos sociais, que mantinham uno os encadeamentos culturais, passaram a padecer, num ritmo veloz, de todo tipo de interferência, abrindo-se para culturas do mundo inteiro.

No entanto, os personagens de *Sertão, Sertões* têm uma necessidade de conservar o passado. Para o migrante que sai da sua terra, a indecisão de permanecer ou partir gera um sentimento de dúvida, num mundo marcado por extrema mobilidade espacial num contexto de globalização. O mototáxia Abdoral Neto, morador da comunidade da Rocinha retoma fatos da sua infância no sertão, da fuga para o centro urbano, das dificuldades enfrentadas pelos pais e a promessa feita à mãe: “Um dia eu vou construir uma casinha para nós morar”.

As lembranças fornecem um quadro de referências e de pontos de referência, pois o migrante embora queira manter os laços com o seu passado, ele está inserido em outra cultura. A sobrevivência exige a integração. Desse modo, ele instintamente abre mão de referências que ancoram sua identidade.

2.2 Migrações e Diáspora- Atravessando Sertões

Euclides da Cunha, no capítulo que designa a formação do homem em *Os sertões*, dedica-se à criação e à formação do povo brasileiro. Em sua definição, “O Sertão é um Paraíso”. (CUNHA, 2001, p. 59) Após a descrição detalhada do homem brasileiro de modo mais amplo, o autor retorna para a gênese do sujeito do sertão, efeito da mistura de “raízes” branca, negra e indígena. Assim, são delineados os *subtipos*: sertanejos, o vaqueiro e o jagunço vistos como sub-raças fracas e degenerados, como anuncia o prefácio da obra.

Referenciando a narrativa do Guimarães Rosa, *Grande Sertão Veredas*, há um inventário da geografia sertaneja – cidades, rios, relevo, fauna, flora... – bem como dos

costumes mantidos pelo povo do sertão. Nela encontra-se uma leitura da comunidade do sertão, caracterizada como “fluida” e “móvel”: “(...) o sertão está movimentante todo-tempo – salvo que o senhor não vê” (ROSA, 2001, p. 517). “Homem viaja, arrancha, passa: muda de lugar e de mulher, algum filho é perdurado. Quem é pobre, pouco se apega, é um giro-o-giro no vago dos gerais, que nem pássaros de rios e lagoas” (ROSA, 2001, p. 41-42). Embora seja uma narrativa ficcional, retrata a sociedade que agora era forçada à convivência com o “outro”, que até então vivia distante, “seguramente controlado”⁶.

Nesse contexto, pode-se aplicar conceito de interculturalidade ⁷, que visa ao reconhecimento de que as culturas são inacabadas, incompletas e intangíveis, como produtos de comunicação mútua e permanente.

No documentário, vários entrevistados detalham sua narrativa, singularizando a condição de sujeito que apesar de vivenciar e compartilhar as histórias suas ou do outro, narram a partir de sua visão de mundo e da experiência de vida. Muitas histórias partem da realidade da migração sertaneja para outros locais. Este forte fluxo migratório possibilitou a constituição de um grupo social que tinha em comum sua origem e uma identidade cultural própria, diferente da cultura dos grandes centros urbanos, mas que depois dos deslocamentos se tornaram culturalmente híbridas.

Sertão, Sertões é cercado por narrativas de alguns indivíduos que migraram do sertão, vivendo numa situação de fronteiras culturais e de pertencimentos múltiplos, própria do indivíduo diaspórico. Um dos entrevistados, o Angolano Cornélius vive o não pertencimento, deslocado, solitário, fora de qualquer grupo, separado completamente de suas raízes.

Em entrevista ⁸ concedida a Heloísa Buarque de Holanda, Hall disserta que a migração que criou essa mistura de culturas pelo mundo criou cidades multiculturais, criou novas diásporas mundo afora, vai à contramão da lógica da globalização neoliberal. É no contexto dessa entrevista que o jamaicano reflete sobre a dupla diáspora, uma experiência de dupla subordinação de não pertencimento a nenhum país, o que ganha espaço na discussão que nas

⁶ Termo retirado do livro *Diversidade Cultural e Democracia. Textos & Contextos* (Salvador), Salvador, v. 3, n. 3, p. 29-38, 2005 Turismo e Identidade Cultural do Milton Moura - Professor doutor do Departamento de História da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

⁷ Evidenciam-se as experiências de educação popular desenvolvidas no continente. A figura de Paulo Freire se torna especialmente relevante para o aprofundamento da perspectiva da educação intercultural. O termo desvinculou-se do contexto educacional e ganhou maior amplitude ao referir-se à práticas culturais e políticas públicas.

⁸ Entrevista feita por Heloisa Buarque de Hollanda (professora da UFRJ e diretora da Aeroplano Editora e Consultoria) e Liv Sovik (professora da UFRJ e organizadora do livro de Stuart Hall, *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*, Editora UFMG, 2003). Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/entrevista-jb-stuart-hall/>

palavras de Hall “suponho, a causa da minha ênfase na noção de in-betweenness⁹”. Quando indagado sobre o fato de as diásporas estarem de alguma forma ajudando sua crítica sobre a reprodução das desigualdades no quadro da globalização, Hall explicita que

Assim a diáspora torna-se um conceito crítico no contexto político da globalização. Dá conta de como é possível que uma cultura sobreviva, estabeleça relações, não se volte para defesas fundamentalistas, e tampouco se perca, tornando-se apenas simulacro e cúmplice do Ocidente. Neste sentido as diásporas são, sobretudo, um extraordinário laboratório cultural onde as tentativas de sobrevivência e as contra-negociações são trabalhadas e experimentadas. (HALL, [2003?] para data provável).

Desse modo, a diáspora passa a capacidade cultural de se imaginar e criar sua própria identidade no sentido analisado por Benedict Anderson (2008), e (re)afirmar-se enquanto comunidade sem território.

3- O SERTÃO COMO UMA COMUNIDADE IMAGINADA

A construção de uma identidade nacional e regional está associada à formação da nação. Para Oliven (1982), esses esforços de construção de uma identidade brasileira estão ligados à necessidade de uma existência de um Estado que administra todo o território nacional. Assim, imaginar a nação para Oliven (1982) requer esforços contínuos, implicando pensar em intelectuais que ajudem a formulá-la e de uma cultura que lhe dê suporte.

A identidade nacional remete-nos a uma imaginação histórica distinta e que guarde em seu íntimo uma intencionalidade prática. A ideia de nação enquanto narração cultural para Homi Bhabha(2013) é aquela que o sujeito do discurso toma a nação e o povo como objetos de uma narrativa, visando provocar um deslocamento entre a temporalidade e o pedagógico; e a reiteração do performático e dos mitos fundacionais em um tempo presente. Em *O local da Cultura* (2013), Bhabha reflete sobre a ideia de nação, visando ampliar articulações simbólicas rumo ao progresso. O teórico reforça a ideia sobre as temporalidades moderna, colonial, nativa, masculina, dentre outras, que se propõe a descentralizar o movimento unificador e homogêneo que representa a nação.

A partir daí, ele nos propõe uma nova forma de “pensar” sobre a narrativa nacional. No entanto, as nações não são o que parecem ser e, sobretudo, não são o que o nacionalismo enxerga nelas.

⁹ ser objecto de interrogação. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Segundo Benedict Anderson (2008), a nação é de tal maneira limitada, posto que não tenciona ser um prolongamento único da humanidade e apresenta fronteiras transitórias, mesmo que arqueável; quanto supremo, já que, sob o a luz do Iluminismo e da Revolução Francesa, as monarquias dinásticas não poderiam reivindicar legitimidade sobre elas. Por fim, a nação é imaginada como comunidade, na medida em que estabelece a ideia de um “nós” coletivo independente das desigualdades e hierarquias que a compõe. Ainda segundo Anderson,

A nação é imaginada porque faz sentido, tem valor simbólico para os seus compatriotas. Ela é imaginada porque mesmo que os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles (ANDERSON, 2008, p. 32).

Desse modo, pode-se evidenciar que a nação fictícia imposta a grupos de indivíduos requer pensar num imaginário híbrido, a partir do entrecruzamento da linguagem, da ideologia e das relações de poder que atuam na construção e na articulação de diversas identidades, e nas ambivalências das representações culturais.

Os debates em torno das narrativas do sertão enunciam um espaço de diversidade, um sertão que é fruto da alteridade, fruto de construção de um espaço simbólico. O documentarista, em *Sertão, sertões*, visa afirmar que “o sertão é sem lugar”, “o sertão está toda parte”, ou seja, “o sertão é dentro da gente” (ROSA, 2001, p. 356).

Benedict Anderson (2008) entende que uma comunidade é decorrente de laços afetivos e de partilhas simbólicas entre seus participantes, não interessando suas ideologias políticas. Ele destaca que as nações são anteriores ou posteriores ao Estado, que podem se constituir até mesmo através de comunidades as quais nunca terão um Estado reconhecido. Para Anderson (2008, p. 56-7), “nação forma-se como uma comunidade consumidora de narrativas locais, entre elas os romances e os jornais”. Foi o aprimoramento da maquinaria comunicacional que permitiu, portanto, a criação de uma consciência temporal de simultaneidade entre os membros da nação e que engendrou aquele organismo sociológico, que atravessa um tempo vazio e homogêneo, que percorre a história, em sentido antecedente ou descendente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não foi intenção, aqui, elaborar conclusões exaustivas sobre a fragmentação dos entrevistados do documentário *Sertão, Sertões*. Bem verdade, esta empreitada investigativa não é um final da rota da pesquisa. A rigor, torna-se cada vez mais emergencial debater sobre identidade cultural, porque ela reflete o caráter conflituoso de uma cultura que se estrutura a partir de um choque entre suas heranças: uma cultura imposta pelos colonizadores e uma cultura social, tradicional, local.

A identificação de pertencimento do indivíduo diante dos valores e culturas leva-nos a, constantemente, rever os valores políticos, sociais e culturais de compreensão do outro. A constituição da identidade se dá por um grupo de indivíduos ao compartilharem significados e objetos simbólicos. A ligação com o passado, o vínculo com o lugar, as negociações com as novas culturas em que vivem são questões que envolvem a atividade de constituição identitária dos entrevistados. O sujeito migrante desdobra-se ou duplica-se entre a origem e o destino, ocorrendo um processo de identificação com novos símbolos de outro lugar.

Por que identidade cultural, afinal? Porque ela se insere em um campo dinâmico, fluido, híbrido da pós-modernidade em que os sujeitos se constituem. Importa refletir sobre algumas possibilidades de ressignificação de identidades não obstante os processos de exclusão e desequilíbrios sociais. Assim, esse jogo subjetivo de entrelaçamento de sujeitos de diferentes origens estabelece mútuas interferências, fazendo com que os indivíduos se transformam a si mesmos, modificando seus campos identitários e o mundo em que vivem. Surgem, dessa maneira, novos debates a serem tecidos. Em suma, a travessia cultural rumo a um projeto de identidades é infinita, como afirma Riobaldo: “este mundo é muito misturado” (ROSA, 2001, p. 221).

Os personagens do documentário são metonímia para todo cidadão que, apartado de suas origens, precisa construir-se cotidianamente num processo que envolve memória, conflitos sociais e identitários, em que o outro não é uma figura de exclusão, mas de diálogo; onde o ato de narrar representa uma forma de reconhecimento e afirmação de uma história individual e coletiva. Afinal o sertão está em toda parte, pois são muitos os que partem fugindo da fome, da seca, de guerras; à procura de trabalho em algum território onde a linguagem pode ser instrumento para (re) construção de uma ideia de nação.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2001.
- ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- AUGÉ, Marc. **Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 9. ed. Campinas/SP: Papirus, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo : Hucitec / Petrópolis : Vozes, 2006.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- BERND, Zilá. Inscrição do oral e do popular na tradição literária brasileira. In: BERND, Zilá (Org.). **Fronteiras do literário: literatura oral e popular Brasil/França**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2015.
- _____. Culturas híbridas y estrategias comunicacionales. **Revista Estudios sobre las culturas contemporáneas**, Época II, Vol. III, No 5, junio 1997, p. 109-128. Universidad de Colima, México. Disponível em: Acesso em: 10 set. 2017.
- CANDAU, Joël . **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.
- CHARAUDEAU, Patrick.; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2. ed. Tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.
- COLLARES, Paula Renata Lucas. **“D’este viver aqui neste papel descripto” : memória, trauma e infância em António Lobo Antunes (2008-2012)**. Porto Alegre, 2015.
- CUNHA, Euclides da. **Os sertões: campanha de Canudos**. Edição, prefácio, cronologia, notas e índices Leopoldo M. Bernucci. São Paulo: Ateliê, 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução de Isabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FLORES, Valdir do Nascimento [et al.]. **Dicionário de Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Dp&A, 2015.

_____. Quem precisa da identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, p. 103-133, [1996]2014.

KRISTEVA, Júlia. **Introdução à semanálise**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MARCUSCHI, L. A. (2006) Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexão e ensino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna.

MOURA, Milton. **Diversidade Cultural e Democracia: Breve Reflexão sobre os Desafios da Pluralidade**. Textos e Contextos, Salvador, 2005.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus Editora, 2005.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Revista USP**. São Paulo, n. 98. p. 87-94. Junho/julho/ agosto 2013. Acesso em: 30 de ago. de 2017.

OLIVEN, Ruben George. A cultura brasileira e a identidade nacional da década de oitenta. In: **Violência e cultura no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1982.

REZENDE, Sergio. **Sertão, Sertões**. Rio de Janeiro: Videofilmes, 2012. Disponível em : <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/materias/DOCUMENTARIOS/429918-SERTAO,-SERTOES.html>.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SAID, E. **Reflexões sobre exílio e outros ensaios**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

VIEIRA, Nelson H. Hibridismo e alteridade: estratégias para repensar a história literária. In: MOREIRA, Maria Eunice. (Org.). **Histórias da literatura: teorias, temas e autores**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.